

## SKINHEADS & CARECAS: DA SIMBOLOGIA AOS SENTIDOS SOCIAIS

Elisa Camargo Gomes<sup>1</sup>, Rayssa Rossatt de Souza Xavier<sup>1\*</sup>, Shayenny Dias Felício de Almeida<sup>1</sup>,  
Sérgio Nunes de Jesus<sup>2</sup>

1. Estudante do Instituto Federal de Rondônia – IFRO, *Campus Cacoal*
2. Professor e pesquisador do IFRO, *Campus Cacoal* / Orientador

### Resumo:

O presente trabalho tem como pressuposto abordar a simbologia e os sentidos sociais com base em grupos que possuem grande impacto social como sociedade marginal (entende-se à margem da sociedade), dando enfoque aos *Skinheads* e suas variações como, por exemplo: os *Skinheads White Power*, além dos “*Skinheads*” brasileiros: os Carecas do ABC, Carecas do Brasil e Carecas do Subúrbio; esses que surgiram da mesma vertente ideológica e se diferenciaram conforme cada uma das necessidades da época, difundindo assim características como patriotismo, simplicidade, agressividade e ódio por meio de músicas (canções) que instigam atitudes e represálias ao governo – essas, em determinados seguimentos, causam/causaram tendências de intolerância no cotidiano social.

**Palavras-chave:** Símbolos; Skinheads; Carecas.

**Apoio financeiro:** CNPq.

### Introdução:

Os *Skinheads*, que inicialmente representavam a classe operária inglesa, diante da crise econômica e social da década de 1960, passaram por diversas transformações ao longo dos anos. Hoje em dia, mesmo que às vezes subjetiva, possui participação na criação de vários grupos contraculturais, seja pela similaridade de ideologias ou a completa aversão, como, por exemplo, os “Carecas”.

Os Carecas surgiram no Brasil durante os anos de chumbo, a saber: 1968-1974; isto é, período em que a ditadura militar estava instaurada no país. Influenciados tanto pelo *punk* e o movimento neonazista difundidos pelos europeus, por meio dos *Skinheads*, quanto pela desvalorização da classe proletariada em meio a crise diante do esgotamento do “milagre econômico”<sup>1</sup>, os jovens suburbanos idealizaram os movimentos contraculturais.

Para tanto, além da análise embasada nos símbolos utilizados e sua importância para esses grupos como movimento social, fez-se a ancoragem na simbologia como prática ideológica de identidade, buscando descrever a interpretação e a linguagem dentre realidades comuns a um mesmo grupo de indivíduos.

### Metodologia:

O trabalho foi desenvolvido nos encontros do grupo de pesquisa *Língua(gem), cultura e sociedade: saberes e práticas discursivas na Amazônia*, sob a orientação do professor Sérgio Nunes de Jesus, com as alunas do 3º ano, do curso Técnico em Agroecologia Integrado ao Ensino Médio, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia/IFRO, *Campus Cacoal*, com o projeto Práticas Discursivas na Amazônia/PDA 2017.

Dentre os métodos utilizados, têm-se leituras bibliográficas, entrevistas voluntárias e análises ideológicas fundamentadas pelos acontecimentos que envolveram os grupos contraculturais (*Skinheads* e Carecas) em sua época de inserção até a contemporaneidade. Para tanto, abrangeu-se, em específico, a simbologia como identidade e significação social.

### Resultados e Discussão:

Oriundos da personalidade de determinadas culturas, os símbolos abrangem a interdependência entre linguagens sociais e psicológicas de um sistema, tornando-as “físicas”; passíveis de identificação.

Quando um grupo adota um símbolo anteriormente utilizado por outro grupo ou ícone de manifesto público, incute, também, a ideologia por trás deste, “estampando-a” como similar ou própria de suas ações e pensamentos - é o caso dos *Skinheads* (europeus) e Carecas (Brasil), que possuem, como umas das principais “bandeiras” identificadas historicamente, os seguintes símbolos:

**Figura 1.** Cruz de Ferro com a suástica no centro. É utilizada pelos *Skinheads White Power*.

<sup>1</sup>Forte crescimento econômico entre 1969 e 1973, durante a ditadura militar.



Fonte: <<http://static.recantodasletras.com.br/arquivos/4572258.pdf>> Acesso em 06 de março de 2017.

**Figura 2.** Caracterização do movimento “Oi!”. É utilizada pelos Carecas do Brasil, Carecas do ABC e Carecas do Subúrbio.



Fonte: <<http://carecasdoam.blogspot.com.br/>> 06 de março de 2016.

**Figura 3.** Símbolo dos *Red and Anarchist Skinheads* com os ícones do comunismo e anarquismo.



Fonte: <<http://tropecandonoescuro.blogspot.com.br/2013/10/quem-sao-os-pilares-da-revolta-popular.html>> Acesso em 06 de março de 2017.

**Figura 4.** Schutzstaffel, símbolo originalmente usado pela SS de Hitler. Hoje, é utilizado pelos *skinheads* racistas – *Hammerskins*.



Fonte: <<http://static.recantodasletras.com.br/arquivos/4572258.pdf>> Acesso em 06 de março de 2017.

## Conclusões:

Com a insurgência de um grupo, surge também a necessidade de uma linguagem para representá-lo. Além dos dialetos e gírias internos, é tencionada a adoção e/ou criação de um elemento que o represente externamente: um símbolo.

A adoção do supracitado, muitas vezes, está relacionada à adoção da própria ideologia seguida por seus criadores, assim difundindo ideias e revelando intenções diante da sociedade; nazismo, fascismo, homofobia, violência, entre outros, que podem ou não provocar intolerância.

Sendo assim, pode-se dizer que, a relação entre os grupos (*Skinheads* e *Carecas*) e a simbologia adotada dar-se-á na alusão pensada entre um e outro, pelas diferenciações dos elementos estudados, das simbologias e ideologias pautadas no desenvolvimento da contracultura no cenário mundial.

## Referências bibliográficas

ABRAMO, H. **Cenas juvenis: punks e darks** no espetáculo urbano. São Paulo: Scritta, 1994.

COSTA, Márcia Regina da. **Os Carecas do Subúrbio: caminhos de um nomadismo moderno**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1993.

COTRIN, Gilberto. **História global: Brasil e geral**. 8. ed. Volume único. São Paulo: Saraiva, 2005.

GALLO, Ivone Cecília D'Ávila. **Punk: cultura e arte**. In: Belo Horizonte, 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/vh/v24n40/24.pdf>>. Acesso em 20 de junho de 2016.

JUNG, Carl Gustav. **O homem e seus símbolos**. Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira, 1992.

MARSHALL, George. **Espírito de 69 – A Bíblia do Skinhead**. São Paulo, SP: Trama Editorial, 1991.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

SALAS, Antonio. **Diário de um Skinhead: um infiltrado no movimento neonazista**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2006.